



## Trabalhar e viver da arte: condições e relações de trabalho de artistas plásticos paraibanos<sup>1</sup>

*Working and living from art: working conditions and relationships of visual artists from Paraíba*

*Trabajar y vivir del arte: condiciones y relaciones laborales de artistas plasticos de Paraíba*

**Hiago Trindade**

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2771002230887296>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0462-4868>

**Eduardo Montelli**

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3231629844108704>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8756-7875>

**Elís Santana Ferreira**

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6528460161519873>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4198-3757>

### RESUMO

**Introdução:** O mundo do trabalho vem passando por diversas transformações nos últimos anos. Tais transformações impactam as condições de vida e existência de todas as frações que compõem a classe trabalhadora, inclusive os artistas plásticos.

**Objetivo:** Compreender as condições e relações de trabalho dos artistas plásticos paraibanos na realidade contemporânea.

**Metodologia:** O estudo desenvolveu-se a partir de uma pesquisa de tipo qualitativo, realizada a partir da revisão de literatura apoiada, sobretudo, em autores do campo marxista. Além disso, realizaram-se entrevistas semiestruturadas direcionadas aos artistas plásticos paraibanos que se apresentaram no Centro Cultural do Banco do Nordeste da Cidade de Sousa-PB, entre 2023 e abril de 2024.

**Resultados:** Os artistas plásticos paraibanos enfrentam dificuldades para o desenvolvimento de suas atividades laborais, sobretudo em decorrência da flexibilidade de suas jornadas, da ausência de infraestrutura para as atividades e das incertezas sobre seus rendimentos financeiros. Apesar dessas dificuldades, mostram-se apáticos às formas de organização coletiva para a categoria.

1 Este texto resulta de pesquisa desenvolvida pelo Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). A referida pesquisa contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

**Conclusão:** O estudo revela um quadro de precarização do trabalho do artista plástico paraibano, interligado às determinações mais amplas que se sucedem no mundo do trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** artista plástico; precarização; trabalhador.

#### ABSTRACT

**Introduction:** The world of work has undergone various transformations in recent years. These transformations impact the living conditions and existence of all segments that make up the working class, including visual artists.

**Objective:** To understand the working conditions and relationships of visual artists from Paraíba in the contemporary reality.

**Methodology:** The study developed from a qualitative research, carried out through a literature review primarily supported by authors from the Marxist field. In addition, semi-structured interviews were conducted with visual artists from Paraíba who perform at the Banco do Nordeste Cultural Center in the city of Sousa-PB, between 2023 and April 2024.

**Results:** Visual artists from Paraíba face difficulties in developing their work activities, mainly due to the flexibility of their working hours, the lack of infrastructure for their activities, and the uncertainty about their financial earnings. Despite these difficulties, they appear indifferent to forms of collective organization for the category.

**Conclusion:** The study reveals a scenario of precarious working conditions for visual artists from Paraíba, linked to broader developments occurring in the world of work.

**KEYWORDS:** precarious work; visual artist; worker.

#### RESUMEN

**Introducción:** El mundo del trabajo ha experimentado diversas transformaciones en los últimos años. Estas transformaciones impactan las condiciones de vida y existencia de todos los segmentos que componen la clase trabajadora, incluidos los artistas plásticos.

**Objetivo:** Comprender las condiciones y relaciones laborales de los artistas plásticos de Paraíba en la realidad contemporánea.

**Metodología:** El estudio se desarrolló a partir de una investigación cualitativa, realizada a través de una revisión de la literatura anclada en la perspectiva marxista y entrevistas semiestructuradas dirigidas a los artistas plásticos de Paraíba que se presentaron en el Centro Cultural del Banco do Nordeste de la ciudad de Sousa-PB, entre 2023 y abril de 2024.

**Resultados:** Los artistas plásticos de Paraíba enfrentan dificultades para desarrollar sus actividades laborales, principalmente debido a la flexibilidad de sus jornadas, la falta de infraestructura para sus actividades y la



incertidumbre sobre sus ingresos financieros. A pesar de estas dificultades, muestran indiferencia hacia las formas de organización colectiva para la categoría.

**Conclusión:** El estudio revela un panorama de precarización del trabajo del artista plástico de Paraíba, interconectado con las determinaciones más amplias que se suceden en el mundo del trabajo.

**PALABRAS CLAVE:** artista plástico; precarización; trabajador.

## INTRODUÇÃO

Na realidade brasileira, o mundo do trabalho passa por sucessivas e intensas transformações e os diversos segmentos de trabalhadores são diretamente afetados por elas, sobretudo com a ampliação das formas de trabalho marcadas pela precarização. Os artistas, enquanto parte da classe trabalhadora, também são acometidos por relações laborais permeadas por instabilidades contratuais, pela flexibilização de tarefas e jornadas bem como por diferentes formas de intensificação de seu processo laboral.

Partindo dessa premissa, neste texto, temos por objetivo averiguar como se processam as condições e relações de trabalho dos artistas plásticos paraibanos na realidade contemporânea.

Do ponto de vista metodológico, além do diálogo com a produção teórica afeita ao tema do trabalho e da arte, realizamos análise de dados primários, obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com artistas plásticos paraibanos que se apresentaram no Centro Cultural do Banco do Nordeste (CCBNB), situado na cidade de Sousa - PB, entre o ano de 2023 e abril de 2024.

A partir da consulta ao histórico de programação do CCBNB, registramos um total de 21 artistas que atendiam aos critérios estabelecidos para a amostra. Destes, 11 aceitaram participar da investigação e nos concederam as informações necessárias.

As entrevistas foram registradas em gravador de voz, transcritas e analisadas a partir de quatro eixos centrais, quais sejam: a) relação entre a concepção de arte



e de trabalho; b) relação com as condições materiais de produção, venda e exposição de obras de arte; c) relação entre o trabalho artístico e o uso de tecnologias de comunicação; d) relação com a organização coletiva. Dessa forma, no decorrer deste texto, procuraremos dar ênfase a esses aspectos.

Resta salientar que, para preservar a identidade das pessoas que concordaram em participar da pesquisa, substituímos os nomes originais dos sujeitos. Elegemos como codinomes instrumentos de trabalho que são corriqueiramente utilizados pelos artistas em suas práticas, a saber: Tinta, Pincel, Tela, Tesoura, Caneta, Aquarela, Esfuminho, Guache, Carvão, Papel e Moldura.

## 1 Trabalhadores-artistas na Paraíba: o que revelam os dados?

A partir das entrevistas realizadas, constatamos que a profissionalização das pessoas no âmbito do trabalho artístico decorre de fatores diversos: familiares, subjetivos, técnicos, dentre outros. Para ilustrar essa afirmação, reproduzimos, abaixo, trechos das entrevistas de dois artistas, a saber: Pincel e Tinta.

Pincel diz ter encontrado no trabalho artístico uma forma de se aproximar da família. Essa inserção mais profissional no ramo ocorreu há cerca de cinco anos e, nos dias atuais, o artista consegue dedicar-se exclusivamente à arte. Como explica no seguinte trecho:

Eu não conseguia ter tempo para o meu filho, a minha filha e a minha esposa, porque era muita responsabilidade, muita coisa [...] e eu sentia que atrapalhava na educação do meu filho [...] Só que chegou um momento que eu senti muita, muita necessidade de estar com ele [filho], estar mais presente... Eu digo em tudo, na educação, tá [sic] ali com ele pra acompanhar todo momento. E eu resolvi abrir mão [...] do meu trabalho para trabalhar com arte, que é uma coisa que eu já fazia [...] (informação verbal)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> PINCEL. Entrevista remota. [maio 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 16 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).



Assim, seus vínculos familiares influenciam-no muito na tomada de decisão por alterar sua carreira profissional. Ademais, embora o referido artista já se utilizasse da arte em seu cotidiano, o fazia de maneira “não profissional”, haja visto que essas produções artísticas ocorriam em concomitância com um trabalho formal, de onde provinham os recursos financeiros necessários à sua sobrevivência. Trata-se, dessa forma, de um câmbio que ocorre do “trabalhador-formal” para o “trabalhador-artista”. Já a artista Tinta, ao refletir sobre o início de suas atividades na área, relata que “Não foi bem uma decisão. É porque, assim, eu não sei fazer nada.” (informação verbal)<sup>3</sup>

Na entrevista, Tinta relata ter se dedicado, inicialmente, a um curso de nível superior, contudo, ao fim da sua formação profissional, não conseguiu ter melhores oportunidades na área e, por isso, voltou-se ao trabalho artístico. Suas primeiras experiências de atuação nesse campo foram interessantes porque, ao mesmo tempo em que a artista se enxergava fazendo algo positivo e útil, obtinha respaldo do público pela qualidade de seus produtos artísticos. A partir daí, participou de algumas capacitações e foi, pouco a pouco, desenvolvendo seu estilo.

Desse modo, a inserção dessa profissional no mundo do trabalho não foi, a priori, planejada, tal como podemos verificar no depoimento de Pincel. Ao contrário, ela surge como uma alternativa ao desemprego ou à saturação do mercado de trabalho em sua área de formação.

Historicamente, o mercado de trabalho no Brasil estruturou-se relegando grande parte da população ao chamado Exército Industrial de Reserva<sup>4</sup>, ou seja, ao

---

3 TINTA. Entrevista remota. [dez. 2023]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2023. 1 arquivo .mp3 (ca. 47 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

4 A noção de exército industrial de reserva adotada neste trabalho está ancorada nos estudos desenvolvidos por Marx, especialmente na obra *O capital* (Marx, 1989), na qual o pensador sustenta que a reprodução do capitalismo, enquanto modo de produção, se fundamenta, dentre outros aspectos, na criação de “[...] uma população trabalhadora supérflua relativamente, isto é, que ultrapassa as necessidades médias da expansão do capital, tornando-se, desse modo, excedente” (MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Bertrand, 1989. Livro 1. p. 731). Historicamente, essa massa de trabalhadores sobrantes se formou a partir da alteração na composição orgânica do capital, sobretudo a partir da elevação da dimensão do capital constante em detrimento do capital variável. Na era do capitalismo flexível e da indústria 4.0, essa lógica



desemprego estrutural ou a formas diversas de subocupação conforme Mészáros<sup>5</sup>. Por isso, não é fortuito que Tinta relate esse tipo de dificuldade e tenha procurado desenvolver um conjunto de habilidades de forma mais autônoma para obter rendimentos no meio artístico.

A situação dessa artista é interessante, ainda, pois revela como o mercado de trabalho no Brasil se estrutura a partir de uma linha tênue entre o formal e o informal, a regulação e a desregulação dos direitos, a estabilidade e a instabilidade do emprego<sup>6</sup>, sobretudo considerando a situação dos trabalhadores jovens e com diploma de nível superior, denominados por alguns campos da sociologia do trabalho como “precarizado”, nos termos de Trindade<sup>7</sup>.

Mas, se os motivos para ingresso do mundo do trabalho artístico são distintos entre os sujeitos entrevistados, há outros elementos que os aproximam, a exemplo das formas de flexibilização experimentadas em sua atuação profissional.

Em termos gerais, segundo Dal Rosso<sup>8</sup>, a flexibilidade na organização e distribuição da jornada de trabalho é, no campo produtivo-industrial, frequentemente utilizada como uma estratégia gerencial-burguesa para melhorar a eficiência e diminuir os custos de produção. Sendo assim, essa flexibilidade pode ser refletida em horários de trabalho variáveis com uma maior exigência de disponibilidade por parte dos trabalhadores, nas modalidades de inserção, na estruturação dos turnos e escalas, dentre outros fatores. Por isso, na sociedade atual, a flexibilização vem sendo utilizada, via de regra, para potencializar a precarização do trabalho.

---

segue, com as particularidades próprias desse tempo, cumprindo função decisiva para a formação do exército industrial de reserva e, como corolário, para o aumento dos índices de desemprego – que ocorre cada vez mais de modo estrutural.

5 MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma Teoria da Transição**. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 20-30.

6 TRINDADE, Hiago. A contrarreforma trabalhista no Brasil e o precariado: contribuição ao debate. **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, Campinas, v. 3, p. 1-21, 2020.

7 TRINDADE, Hiago. **O precariado no Brasil contemporâneo**. 2019. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. p. 125-2012.

8 DAL-ROSSO, Sadi. **Mais trabalho!:** a intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008. p. 19-44.



Por seu turno, Drumond, Araújo, Maia, Luquini e Fernandes<sup>9</sup> refletem sobre como a busca de maior produtividade e de eficiência expõe os trabalhadores a condições precárias, que podem ser caracterizadas por instabilidade, insegurança e falta de proteção social. Essas mudanças são desencadeadas em um contexto de reestruturação produtiva que, sob o discurso neoliberal, vem contribuindo para o sucateamento dos postos de trabalho e para a generalização da precarização em todos os setores do mercado de trabalho.

O trabalho artístico, ainda que apresente particularidades em relação ao panorama acima descrito, também é afetado, direta ou indiretamente, pela flexibilidade e por todas as demais configurações que se desenvolvem no mundo do trabalho. Os artistas, em sua grande maioria, constituem trabalhadores autônomos e, por isso, enfrentam incertezas financeiras, instabilidade no emprego e dificuldades em conciliar vida pessoal e profissional. Além disso, a falta de uma estrutura “estável” de trabalho pode ocasionar períodos de escassez financeira, estresse e necessidade de aumentar constantemente suas jornadas laborais.

Pincel, por exemplo, identificou a necessidade de uma rotina fixa de horários para o trabalho. Por isso, adquiriu um espaço onde está sendo construído seu ateliê. Com essa iniciativa, ele pretende regular seus horários para demarcar melhor o seu tempo de trabalho e o seu tempo de vida e, assim, dar mais atenção à sua família. Abaixo, segue o seu relato acerca dessa questão:

[...]E eu fazia muito isso, eu colocava muito [o trabalho] pro sábado e pro domingo, e hoje eu evito não usar esses dois dias, porque eu sei como esses dias são importantes pros meus filhos, é o momento de ficar com eles. Então, eu acho que o que atrapalhava era isso [...] aí meu filho disse ‘papai, nunca mais você passou um domingo em casa’, daí eu resolvi começar a me organizar (Informação verbal).<sup>10</sup>

---

9 DRUMOND, Maria Cristina; ARAUJO, Ionara Coelho; MAIA, Paula Lopes de Oliveira; LUQUINI, Isabela Mendonça; FERNANDES, Gersonni Mutti. Precarização e flexibilização do trabalho no Brasil. **Brazilian Journal of Development**, [São José dos Pinhais], v. 5, n. 12, p. 29688-29703, 2019.

<sup>10</sup> PINCEL. Entrevista remota. [maio 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elis Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 16 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).



Antes de avançarmos na análise, cumpre destacar algo importante: o exemplo de Pincel, que conseguiu organizar um ateliê fora de seu espaço doméstico e estabelecer horários mais sistemáticos para realizar seu trabalho, não reflete a realidade vivenciada pela maioria dos artistas paraibanos. Em geral, os ateliês se materializam como uma espécie de extensão da casa, uma espécie de “puxadinho”, tornando turva a “fronteira” que separa o lar da oficina laboral. Inclusive, no âmbito desta investigação a fala de Moldura é bastante ilustrativa a esse respeito. Diz ele, referindo-se ao ateliê, que “fica em casa, eu divido a casa, parte da casa é um ateliê” (informação verbal)<sup>11</sup>.

Por seu turno, Tesoura revela que: “É tudo em casa, na sala aqui de casa. Na mesma mesa que é pra se alimentar é a mesa que constrói as coisas (risos)” (Informação verbal)<sup>12</sup>.

Na esteira dessas reflexões é relevante apontar o depoimento de Tinta, especialmente no que se refere a forma pela qual a organização do tempo de trabalho ocorre em sua experiência. Em suas próprias palavras: “É um fluxo muito louco porque tem horas que não tem nada e de repente tem um monte de coisa [...] muita gente da arte é assim [...] igual a mim” (Informação verbal)<sup>13</sup>.

Com essa fala, a artista demonstra que em seu trabalho é atravessado por momentos de fluxos mais moderados e outros mais intensos, provocando uma instabilidade de sua jornada laboral, pois as demandas e requisições pelos seus serviços ocorrem de forma espontânea. Nesse contexto, torna-se visível que a configuração dessa dinâmica de trabalho, exponencia o seu desgaste físico e mental.

---

11 MOLDURA. Entrevista remota. [jul. 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 4 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

12 TESOURA. Entrevista remota. [nov. 2023]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2023. 1 arquivo .mp3 (ca. 23 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

13 TINTA. Entrevista remota. [dez. 2023]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2023. 1 arquivo .mp3 (ca. 47 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).



Outro exemplo interessante, nesse sentido, é o de Moldura. No transcorrer da entrevista, após indicar o cumprimento de uma jornada de oito a dez horas por dia, o artista avança em uma reflexão abrangente sobre o seu tempo de trabalho. Senão, vejamos o seu depoimento: “[...] eu compreendo que o artista de verdade, [tem] a rua, a feira, o shopping, tudo é um laboratório, então eu acho que saiu de casa ou tá em casa lendo, ele tá sempre trabalhando” (Informação verbal)<sup>14</sup>.

Tais conflitos relativos à instabilidade das jornadas e dos fluxos de produção, como podemos observar nas falas acima transcritas, parecem estar intimamente relacionados ao caráter de informalidade que o trabalho dos artistas adquire na contemporaneidade, o que também se liga aos conflitos financeiros que surgem nesse contexto.

Tela afirma que desenvolve seu trabalho artístico há aproximadamente 15 anos, e expressa em diversos momentos de sua entrevista uma relação conflituosa com a questão financeira. Seu trabalho artístico não é realizado como fonte de renda, e ele também não exerce nenhum outro trabalho remunerado. Suas necessidades básicas - e de seus filhos - são supridas por outros meios, tais como apoio governamental e familiar. O artista sugere que, por escolha, não costuma vender suas obras. Sua maior dificuldade financeira, em relação ao desenvolvimento de seu processo artístico, é a compra de materiais para criação de novas obras. Em suas próprias palavras:

Não, eu não vendo as minhas obras... é mais no sentido de comprar material, é uma dificuldade para mim, porque é caro, os pincéis são caros, e eu uso pouca coisa, mas o problema é minhas condições, eu sou uma pessoa que juntando todas as minhas rendas é menos de um salário... e eu tenho dois filhos... tá entendendo? Aí eu tenho que pedir ajuda da minha mãe, a minha mulher ajuda também... mas em sentido artístico, parar e fazer uma obra, é difícil também... (Informação verbal)<sup>15</sup>.

---

14 MOLDURA. Entrevista remota. [jul. 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 4 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

15 TELA. Entrevista remota. [mar. 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 29 min.). Entrevista concedida ao



Nesse ponto da entrevista, salta aos olhos algumas contradições: de um lado, Tela, de modo consciente e deliberado, opta pela não comercialização de suas obras - ação esta que poderia lhe render alguma fonte de recursos financeiros. Ao mesmo tempo, relata a dificuldade com a compra de materiais. Trata-se de uma característica que o diferencia dos outros artistas pesquisados, os quais procuram formas de apresentar e vender suas obras ao público interessado. Com isso, destacamos que o caráter de informalidade do trabalho de artistas também pode estar ligado a suas convicções particulares, muitas vezes alimentada por uma concepção romantizada da figura do artista, como comentaremos mais adiante.

Apesar de Tela considerar a arte como um tipo de trabalho, não é reconhecida por este como um “trabalho remunerado”. Ao longo dos 15 anos de trabalho com arte, realizou somente uma exposição com cachê, e em 2024 realizou outra, financiada por um edital público promovido pelo Governo Federal. Assim, a fala de Tela demonstra que suas dificuldades financeiras vão além da relação com o trabalho de arte, mas que isso não o impede de continuar suas experimentações com a pintura.

Assim, podemos afirmar que a sua criação artística é motivada por um desejo pessoal de expressão que não se orienta pela necessidade de suprir suas condições materiais de sobrevivência. Cabe salientarmos que, ainda que o entrevistado fosse um artista que circula em diversos espaços expositivos e de venda, isso não seria garantia de estabilidade financeira e de continuidade de sua produção. Como observa Montelli<sup>16</sup>:

Basta olharmos para os editais de salões e ocupações de espaços expositivos - públicos ou privados - para localizar uma cláusula que diz: ‘será de inteira responsabilidade do artista.’ Na maioria dos casos, a/o artista não deve apenas produzir obras, mas também se responsabilizar pelo transporte, pela montagem, pelo suporte técnico, pelos aparelhos eletrônicos, até mesmo pela segurança e pela organização do evento de abertura. Principalmente

---

Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFPG).

16 MONTELLI, Eduardo. **O enquadramento performativo como trabalho de arte**. 2021. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. p. 128.



no caso das residências artísticas, além de gastos com passagens, alimentação e produção de obras, são cobradas taxas de inscrição e outros valores, como aluguel de ateliê.

As condições financeiras de artistas brasileiros, especialmente os que vivem fora do eixo Rio-São Paulo, são sempre atravessadas por dificuldades de estabilização de um fluxo de produção, distribuição e venda de suas obras, bem como as que se relacionam com a garantia de necessidades básicas como alimentação e moradia. Mesmo quando o trabalho é estimulado por editais, é preciso levar em consideração a quantidade de trabalho não remunerado exercido e, principalmente, os gastos não retornáveis que são investidos pelos próprios artistas.

O caso do artista Tela demonstra uma situação extrema no que tange à instabilidade financeira do trabalhador da arte. Observamos que o artista se encontra pouco estimulado a realizar seu trabalho artístico de modo exclusivo e intenso, em razão de suas condições materiais e de seu contexto social, senão, vejamos o que afirma:

Duas vezes por mês... eu consigo trabalhar com arte... tá entendendo? Pois os materiais são caros... não dá para trabalhar toda hora não... se os materiais não fossem tão caros eu poderia trabalhar tranquilamente uma vez por dia... (Informação verbal)<sup>17</sup>

Segundo Cerqueira<sup>18</sup>, a produção artística no Brasil e na França, se destaca pela sua adaptabilidade em contextos econômicos incertos, resultando em diversas formas de organização, como o empreendedorismo individual, o trabalho autônomo e outras modalidades não convencionais, como a intermitência e o trabalho simultâneo em múltiplas ocupações. Essa flexibilidade acaba possibilitando a adoção de abordagens variadas dos artistas, desde aquelas mais dependentes até as mais

---

<sup>17</sup> TELA. Entrevista remota. [mar. 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elis Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 29 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

<sup>18</sup> CERQUEIRA, Amanda P. Coutinho de. O artista como trabalhador. In: COLÓQUIO MARX ENGELS, 8., 2015, Campinas. Anais [...]. Campinas: UNICAMP, 2015. v. 1. p. 1-9.



autônomas, combinando diferentes atividades, para financiar suas obras. E a autora<sup>19</sup> ainda aponta:

[...] a administração dos riscos, própria da atividade artística, faz com que este tipo de trabalho reúna três características essenciais: descontinuidade, perspectivas incertas e variações de remuneração.

Nessa esteira, como sabemos, as formas de inserção no mercado da arte, levam a instabilidade dos rendimentos financeiros (salários) alcançados com o trabalho. Ora, na sociedade capitalista, o salário é sempre proporcional ao número de horas trabalhadas e/ou de metas realizadas. Por isso, há momentos em que os artistas têm menor rendimento financeiro, exigindo-lhes certas medidas de planejamento para obtenção de recursos.

Ainda em diálogo com as reflexões de Cerqueira<sup>20</sup>, podemos observar, a partir das entrevistas realizadas, que a variação da remuneração do artista, também está relacionada com a disposição (ou não) que ele possui para financiar o custeio com as formas de circulação e exposição de suas obras. A fala de Tesoura é significativa, nesse sentido, ao apontar: “Fiz a exposição, eu gastei metade do cachê com a exposição, ficou muito bonito mesmo!” (Informação verbal)<sup>21</sup>.

Já a artista Tinta, decidiu realizar todas as etapas de uma de suas exposições sozinha para economizar dinheiro. Durante a entrevista, ao refletir sobre os motivos que a impulsionaram a montar sua exposição a partir de autorretratos, enfatizou: “Vou fazer autorretrato, para não dar cachê a ninguém” (Informação verbal)<sup>22</sup>.

---

19 CERQUEIRA, Amanda P. Coutinho de. O artista como trabalhador. *In*: COLÓQUIO MARX ENGELS, 8., 2015, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: UNICAMP, 2015. v. 1. p. 7.

20 CERQUEIRA, Amanda P. Coutinho de. O artista como trabalhador. *In*: COLÓQUIO MARX ENGELS, 8., 2015, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: UNICAMP, 2015. v. 1. p. 1-9.

21 TESOURA. Entrevista remota. [nov. 2023]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2023. 1 arquivo .mp3 (ca. 23 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

22 TINTA. Entrevista remota. [dez. 2023]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2023. 1 arquivo .mp3 (ca. 47 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).



De algum modo, a fala da pessoa entrevistada expressa uma preocupação em não direcionar parte do cachê obtido com a exposição para o pagamento de trabalho de outras pessoas. Como já apontamos, os artistas se inserem em relações de trabalho a partir de contratos pontuais ou de atividades e projetos desenvolvidos. Nesse sentido, os trabalhadores-artistas experimentam uma incerteza quanto aos rendimentos financeiros que terão acesso a cada mês, situação diferente daqueles trabalhadores que estão inseridos formalmente no mercado de trabalho.

Ainda no que se refere a esse tema, há algo importante para destacar: em outros momentos da entrevista, Tinta reclama da ausência de pessoas para auxiliá-la nos processos técnicos que envolvem a produção artística, ou seja, existe a necessidade de mobilizar outras pessoas para trabalhar, contudo a entrevistada abdica dessa possibilidade, sobrecarregando-se, para manter a integralidade do cachê.

Ademais, o tempo de trabalho é pensado, pela artista Tinta, não apenas como o momento da execução propriamente dita de suas obras, ao contrário, ele também se refere aos lapsos de tempo em que ocorrem sua preparação e suas reflexões e abstrações. Para ela, o tempo de labor pode ser considerado a partir das dimensões objetiva e subjetiva do trabalho. Essa reflexão aparece mais cristalina quando, em sua entrevista, tece uma comparação entre a sua experiência em um emprego formal e aquela experienciada no trabalho artístico. Nela, a artista relata que, em certos momentos de seu processo criativo, não consegue “desconectar” do trabalho, de tal modo que as ideias e reflexões lhe acompanham até durante os seus tempos de repouso. Senão, vejamos:

Por exemplo, quando eu trabalhava no IBGE, eu andava no sol pra fazer as pesquisas. Eu andava muito e eu ganhava pouco. Mas o pouco que eu ganhava era certo. Eu sabia organizar. E como eu não tinha essa paixão pelo IBGE, eu não ficava pensando no IBGE na hora de me deitar (Informação verbal)<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> TINTA. Entrevista remota. [dez. 2023]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2023. 1 arquivo .mp3 (ca. 47 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).



Esses apontamentos são interessantes sobretudo para problematizarmos o sentido e a configuração da jornada de trabalho dos artistas.

Em geral, o tempo na sociedade capitalista é constituído por duas dimensões: a primeira, refere-se a carga horária em que o trabalhador está diretamente inserido no espaço produtivo ou executando as tarefas que lhe competem. Já na segunda, o trabalhador pode dedicar-se a outras atividades e tarefas que não estejam relacionadas ao seu ambiente laboral, ou seja, estamos nos referindo ao tempo de trabalho e ao tempo de vida dos sujeitos. Contudo, na medida em que o modo de produção capitalista avança, podemos perceber nas mais distintas esferas de trabalho que o tempo de trabalho avança, apropriando-se cada vez das frações do tempo de vida, característica essa muito bem descrita por Han<sup>24</sup> em seu livro **A sociedade do cansaço**.

Em seu relato, a pessoa entrevistada menciona duas configurações distintas de trabalho que ela experimentou em seu percurso. Na primeira delas, alude a um trabalho temporário junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), portanto, realizado a partir de uma jornada de trabalho pré-estabelecida. A segunda configuração diz respeito ao momento em que a prática artística passa a ser, para ela, uma forma de trabalho. Nesse segundo caso, não há, do ponto de vista objetivo, um tempo de trabalho para determinado para a realização das atividades (tal como ocorria no IBGE), e o fato de ela sentir prazer ou ter identidade com a produção artística a mantém vinculada ao trabalho e as suas demandas durante um lapso de tempo muito maior.

Essa reflexão nos serve de alerta para o fato de que mesmo quando a realização do trabalho é permeada por identidade, satisfação e prazer, sua execução sob extensas jornadas pode levar à exaustão.

Nessa direção, a própria entrevistada indica um período de cansaço extremo que ela classifica como *Burnout*, fazendo-a ficar afastada do trabalho artístico entre 2018 e 2022: “[...]ninguém me diagnosticou. Mas eu fiquei sem conseguir trabalhar,

---

24 HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 7-30.



fiquei sem conseguir comer, fiquei péssima, assim. Não conseguia fazer nada, só conseguia ficar deitada[...]” (Informação verbal)<sup>25</sup>.

É significativo destacar que nas entrevistas surgiu mais outro ponto relacionado ao acúmulo de atividades. O artista Tela afirmou que também é estudante. Portanto, além do trabalho com arte, está em busca de outros caminhos profissionais. Como já vimos, a busca por atividades que sejam fonte de renda alternativa ao trabalho de arte, e que permitam que este possa continuar sendo realizado mesmo sem garantir o sustento do artista, é bastante comum.

Além da observada necessidade de acumular profissões, cabe pontuarmos que o próprio fazer artístico contemporâneo exige a realização de múltiplas tarefas e atividades não remuneradas, muitas vezes sem que os artistas tenham condições materiais adequadas para esse serviço excedente. Tela, por exemplo, afirma não ter um lugar exclusivo para trabalhar, tal como um estúdio ou ateliê. Suas pinturas são realizadas em um quarto da casa em que mora com sua família. Sua jornada de trabalho é irregular, varia de acordo com seu acesso a materiais e de encontros que faz com amigos e conhecidos, pois essa é uma característica de seu processo artístico, que inclui a troca direta com as pessoas que visitam sua casa. Sendo assim, o entrevistado não tem interesse pelo uso das redes sociais como uma ferramenta de trabalho artístico. Porém, declara que utiliza o *Facebook* como um espaço de divulgação de seus processos, apesar de não divulgar muitas informações sobre sua vida pessoal.

Nesse sentido, é interessante destacar algo: mesmo que sua forma de fazer arte e suas opiniões pessoais não estejam em sintonia com o uso das redes sociais na internet, tais plataformas se mostram presentes no seu trabalho artístico. Com isso, podemos observar que o papel do uso dos espaços de convivência digital se confirma, cada vez mais, como significativos e relevantes na experiência do trabalhador de arte da atualidade, ainda que em diferentes intensidades. Compreendemos que o

---

25 TINTA. Entrevista remota. [dez. 2023]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elis Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2023. 1 arquivo .mp3 (ca. 47 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).



fazer artístico da atualidade não se limita a um único local e único modo de trabalho, como aponta Montelli<sup>26</sup>:

O trabalho da/do artista contemporâneo/a não se limita aos espaços do “ateliê”, do “museu” ou da “galeria”: ele acontece em todo lugar, em tempo integral. A produção de obras para exposição ou venda se confunde com a elaboração e manutenção de uma série de enquadramentos como portfólios, currículos, sites, perfis em redes sociais, inscrições em editais, projetos para residências, entre outros.

Os artistas Guache e Pincel também ressaltam a importância das plataformas digitais e tecnológicas para realização e divulgação do seu trabalho. Pincel nos informa que conta com as redes sociais, *Instagram* e *Facebook*, para a exposição do seu trabalho. Porém, sua maior janela de divulgação, o seu portfólio, é o *Instagram*, sendo também o meio de comunicação mais ágil de entrar em contato com o artista. Já Guache, resalta a potencialidade do *TikTok* para impulsionar suas vendas: “No *Tik Tok* eu tenho mais audiência que no *Instagram*, sabe? E eu faço muitas vendas pelo *Tik Tok*. No começo eu nem acreditava nisso, mas realmente eu fiz muitas vendas pelo *Tik Tok*” (Informação verbal)<sup>27</sup>.

Alguns artistas, dentre eles o próprio Pincel, também relatam a utilização de aparatos tecnológicos para produzir parte de suas obras. Mas, é interessante destacar que a posse dos equipamentos digitais ocorre de maneira desigual entre os artistas entrevistados. Esfuminho, por exemplo, destaca que seus desenhos digitais para Histórias em Quadrinhos são todos feitos pelo aparelho celular.

Eu uso aplicativos pra fazer arte digital [...] eu uso pra fazer as minhas HQ, que eu escrevo histórias em HQ, aí eu uso esses aplicativos pra fazer, tudo pelo celular, até porque eu não tenho computador (Informação verbal)<sup>28</sup>.

26 MONTELLI, Eduardo. **O enquadramento performativo como trabalho de arte**. 2021. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. p. 89-90.

27 GUACHE. Entrevista remota. [maio 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.]. 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 34 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)].

28 ESFUMINHO. Entrevista remota. [jun. 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 18 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).



Ainda no que tange às dificuldades, outro elemento merece destaque, a saber: as questões sobre os desafios enfrentados pelos trabalhadores em diferentes contextos ocupacionais, sobretudo no que se refere à dimensão sociopolítica. Esses desafios trazem reflexo nos artistas entrevistados, que apresentam um certo tipo de resistência à organização coletiva. Vejamos o que diz Tinta: “A gente já é desunido antes de pensar em uma organização, sabe?[...] Eu mesmo não, tô fora!” (Informação verbal)<sup>29</sup>.

Já o artista Pincel também ressalta que:

Eu acho que pra chegar e participar de algum coletivo, muita coisa tem que mudar[...] E às vezes tem um olhar político demais, não é uma forma de ajudar pessoas, de dar visibilidade, e isso me afasta um pouco. E principalmente em cidade pequena, a gente sabe como funciona.” (Informação verbal)<sup>30</sup>.

Podemos observar opiniões semelhantes na fala do artista Tela, que também afirma não estar associado a nenhum tipo de grupo ou sindicato de artistas. Apesar de reconhecer que esse tipo de organização coletiva pode trazer vantagens para os artistas, salienta que não deseja fazer parte de alguma associação, pois considera que há muito “conflito de ego” nesses contextos. Em suas próprias palavras:

Esse ambiente artístico [sindicatos, associações de artistas] não é uma coisa assim... é bom, economicamente, para procurar incentivo, essa união é boa... mas passando disso, há um conflito muito grande... de egos... agora, eu gosto muito de uma... é porque aqui não tem... é... vamos supor... quando você é um atleta e tem outro atleta que corre mais, e aí você quer correr mais... É uma competição... eu gosto muito de competição... (Informação verbal)<sup>31</sup>.

29 TINTA. Entrevista remota. [dez. 2023]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elis Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2023. 1 arquivo .mp3 (ca. 47 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

30 PINCEL. Entrevista remota. [maio 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elis Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 16 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

31 TELA. Entrevista remota. [mar. 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elis Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 29 min.). Entrevista concedida ao



Por outro lado, Tela diz acreditar que é importante a convivência com outros artistas, pois isso supostamente aumentaria a competição e estimularia a produção de novas obras. Porém, em sua cidade não há muitos outros artistas, o que o entrevistado considera como uma desvantagem em seu trabalho, algo que reduz sua motivação. Além disso, a convivência com outros artistas, especialmente mais velhos e mais experientes, é considerada pelo entrevistado como uma forma de aprendizagem e inspiração à qual ele não tem acesso em razão da localidade onde mora.

Em sintonia com a perspectiva de Holz hacker<sup>32</sup>, podemos considerar que a desconfiança generalizada na política é um fenômeno global que ameaça a legitimidade dos sistemas democráticos contemporâneos. Alguns estudos revelam uma queda considerável no envolvimento dos eleitores nas atividades políticas tradicionais, levando-os a buscar outras formas de participação, resultando em um distanciamento entre os políticos e a população, a falta de transparência na gestão pública e uma ampla desconfiança na ação política.

Ainda assim, existe a luta dos artistas pelos seus direitos. Pincel revela que conseguiu auxílio financeiro a partir da Lei Paulo Gustavo<sup>33</sup>, para trabalhar em um mural em sua cidade, juntamente a cerca de 30 crianças, incluindo crianças autistas e Pessoa com deficiência (PCDs).

Dessa forma, a arte acaba desempenhando um papel significativo na promoção da inclusão social, sendo uma ferramenta importante para sensibilizar a sociedade, combatendo estigmas e preconceitos, valorizando a diversidade. Levando em conta o trabalho que o entrevistado proporciona, por meio das atividades artísticas

---

Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

32 HOLZHACKER, Denilde. Os riscos do populismo para as democracias na era Trump. *Revista da ESPM*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 54-59, jul./set. 2017.

33 BRASIL. Lei Complementar nº 195, de 8 de julho de 2022 (Lei Paulo Gustavo). Dispõe sobre o apoio financeiro da União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para garantir ações emergenciais direcionadas ao setor cultural. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, ano 160, n. 128-B, p. 1, 8. jul. 2022. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=08/07/2022&jornal=601&pagina=1&totalArquivos=7>. Acesso em: 10 mar. 2024



inclusivas, as crianças conseguem ter a oportunidade de expressar suas identidades, experiências, emoções e perspectivas.

Geralmente as crianças com autismo, por conta do momento delas, elas se fecham um pouco, tem esse momento em que elas estão bem fechadas, e evitam de participar às vezes de outras atividades, que elas sentem vontade, mas talvez elas não se sintam tão convidadas a participar. E eu faço isso, eu vejo uma criança que gosta de desenhar e a gente vê o potencial, chama ela e insiste pra que ela se sinta à vontade em compartilhar aquilo que ela sabe, aquilo que ela desenha (Informação verbal)<sup>34</sup>.

Por fim, cabe também pensarmos sobre o imaginário acerca da identidade do sujeito artista que parece influenciar o trabalho de um dos artistas entrevistados. Nesse sentido, Tela nos expôs que deseja ser considerado como um “artista maldito” e que espera ter reconhecimento de sua obra apenas após sua morte. Com isso, o artista revela que seu imaginário acerca da figura do trabalhador da arte é carregado de ideias herdadas do pensamento do século XX, que, segundo Anne Cauquelin<sup>35</sup>, tendemos a supor como eternas. Esse pensamento pode ser ilustrado, por exemplo, pela ideia de uma continuidade ao longo de uma cadeia temporal marcada pela inovação e pelo progresso. A ideia de arte como ruptura com o poder instituído, o artista contra o burguês, o exilado da sociedade. A ideia de um valor universal da arte, igual para todos. A ideia do artista como gênio.

Tela chega a citar exemplos de artistas que considera como referências em seu imaginário de “artista maldito”, explicitando que seu pensamento está vinculado aos ideais projetados pelas vanguardas europeias do século XX.

Eu gosto muito de um cara chamado Modigliani, que era considerado maldito já em vida... quando morreu, foi considerado... e outros que eram considerados malditos no seu tempo... fazendo um tipo de arte, e tendo um tipo de comportamento que atrelava isso a eles... (Informação verbal)<sup>36</sup>

<sup>34</sup> PINCEL. Entrevista remota. [maio 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 16 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

<sup>35</sup> CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005. p.17-18.

<sup>36</sup> TELA. Entrevista remota. [mar. 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 29 min.). Entrevista concedida ao



Ainda segundo Cauquelin<sup>37</sup>, a vanguarda surge como provocação e contestação, de modo que o artista é considerado como um sujeito fora ou além das regras. Nesse processo histórico, a arte buscou se libertar do sistema acadêmico através do liberalismo econômico, recusando não apenas os valores atestados pelas academias, mas principalmente a capacidade destas em gerir o domínio da arte. O sistema da arte, então, passou a ser gerido por órgãos privados, *marchands*, críticos e compradores. Para que tais mediadores da cadeia de consumo de obras de arte fossem valorizados, foi necessário isolar o artista, investindo na ideia de que essa figura altamente criativa e espontânea não era capaz de pensar racionalmente para organizar seus próprios discursos e, principalmente, dirigir os destinos mercadológicos de sua própria produção. A autora salienta que, apesar das grandes transformações do século XX e XXI, especialmente ligadas aos avanços das tecnologias de comunicação, ainda podemos conviver com esses pensamentos que compreendem o artista como um sujeito marginal que precisa ser administrado por outros agentes para que possa ter algum tipo de valorização social.

Além disso, cabe mencionar as dificuldades para a construção da imagem dos artistas, em virtude dos espaços e territórios em que estão inseridos. Ao ser questionado sobre acerca de sua imagem pública, um dos participantes afirmou:

Eu queria ser visto mais dentro da cidade não como apenas como o garoto que desenha [...] eu que ver isso como realmente uma profissão, que eu ainda não vejo, dentro da minha cidade, eu ainda vejo que as pessoas me enxergam apenas como um menino que desenha, não é tipo o artista (Informação verbal)<sup>38</sup>.

A construção da imagem do artista, que está na sociedade, muitas vezes é marcada por estereótipos idealizando os artistas como indivíduos especiais com habilidades excepcionais. Essa visão romantizada pode ser problemática, pois ignora

---

Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

<sup>37</sup> CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005. p.123-152.

<sup>38</sup> AQUARELA. Entrevista remota. [jun. 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.]. 1 arquivo .mp3 (ca. 24 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).



as realidades do trabalho artístico, as quais vimos ao decorrer desta pesquisa, que incluem dedicação, formação, e um processo criativo que muitas vezes é árduo e repleto de desafios. A ideia de que os artistas são seres de exceção pode levar à desvalorização dessa profissão, uma vez que a sociedade tende a ver a arte como algo que não requer tanto comprometimento e outras áreas de trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados e análises produzidos a partir deste estudo, revelam um quadro de precarização do trabalho do artista plástico paraibano. Certamente, essa condição precária não está dissociada das determinações mais amplas que se sucedem no mundo do trabalho, atingindo os mais diferentes setores e categorias profissionais. Contudo, no que tange a condição ao trabalhador-artista algumas particularidades merecem ser ressaltadas:

1. As falas dos entrevistados apontam para a configuração de uma jornada de trabalho bastante elevada e incerta, haja visto que a atuação do artista plástico paraibano decorre fundamentalmente de demandas espontâneas dos consumidores ou de editais. Nesse sentido, esses sujeitos estão suscetíveis a um conjunto de oscilações e incertezas que podem ocasionar rebatimentos objetivos e subjetivos para os trabalhadores-artistas. Em nosso processo investigativo, apenas um artista pontuou a conexão existente entre a configuração do seu trabalho e o adoecimento. Contudo, acreditamos que esta não é uma situação isolada e a continuidade da pesquisa, a partir da realização de novas entrevistas, poderá revelar outros casos semelhantes;
2. Em decorrência da flexibilidade da jornada de trabalho, os rendimentos financeiros percebidos pelos trabalhadores-artistas são incertos e, nesse sentido, esses sujeitos precisam estabelecer inúmeras estratégias



- para suprir as suas necessidades fundamentais, dentre as quais o acúmulo de atividades e funções e o auxílio familiar e governamental;
3. Os trabalhadores-artistas passam por dificuldades em relação à infraestrutura para o desenvolvimento de suas atividades, dado que, em geral, não possuem ateliê ou estúdios e, assim sendo, realizam seus trabalhos no espaço doméstico, impedindo uma maior diferenciação entre o tempo de vida e o tempo de trabalho;
  4. Apesar de vivenciarem inúmeras dificuldades no âmbito laboral, os artistas plásticos paraibanos entrevistados expressaram certa apatia e recusa às formas de organização coletiva;
  5. Apesar de todos os entrevistados terem sido perguntados sobre a preocupação com a construção de sua imagem pública como artistas, apenas Tela relatou o desejo de ser considerado como um tipo específico de artista, denominado por ele como “artista maldito”. Essa especificidade nos informa que é importante levarmos em conta quais são os imaginários e as referências acerca da figura do artista que guiam os entrevistados em seus processos. Acreditamos que este é um dado significativo, pois também pode influenciar a forma de trabalho de um artista.

Além das conclusões sistematizadas, esta pesquisa revela a possibilidade de avançar no aprofundamento do tema, a partir da construção de novos objetos de estudo. Tal prerrogativa deriva da preocupação de alguns entrevistados em relação às possíveis mediações entre a educação e a arte.

Além disso, a fala de alguns entrevistados revelam a importância das leis de incentivo à cultura, a exemplo da Lei Paulo Gustavo. Nesse sentido, ainda que não seja foco de estudo neste artigo, entendemos que estudos posteriores podem ser desenvolvidos a partir de um escopo mais amplo das legislações de escala nacional e estadual que estabelecem medidas de apoio e desenvolvimento dos trabalhadores-



artistas. Destacamos, mais especialmente, a Lei Rouanet, considerada uma das principais ferramentas de fomento à cultura no Brasil desde sua criação, em 1991.

Em suma, os dados apresentados neste estudo oferecem uma perspectiva acerca das condições e relações de trabalho dos artistas plásticos paraibanos: a jornada de trabalho elevada e incerta, a instabilidade financeira, a falta de infraestrutura adequada e a ausência de uma organização coletiva são apenas algumas das questões destacadas. A elas, outras podem se somar. Disso resulta a necessidade de avançar na investigação proposta para alcançar uma compreensão mais profunda das possibilidades e dos desafios do fazer artístico, especialmente na Paraíba.

## REFERÊNCIAS

- AQUARELA. Entrevista remota. [jun. 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.]. 1 arquivo .mp3 (ca. 24 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
- BRASIL. Lei Complementar n. 195, de 8 de julho de 2022 (Lei Paulo Gustavo). Dispõe sobre o apoio financeiro da União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para garantir ações emergenciais direcionadas ao setor cultural. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 160, n. 128-B, p. 1, 8. jul. 2022. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=08/07/2022&jornal=601&pagina=1&totalArquivos=7>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CERQUEIRA, Amanda P. Coutinho de. O artista como trabalhador. In: COLÓQUIO MARX ENGELS, 8., 2015, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: UNICAMP, 2015. v. 1. p. 1-9.
- DAL-ROSSO, Sadi. **Mais trabalho!:** a intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- DRUMOND, Maria Cristina; ARAUJO, Ionara Coelho; MAIA, Paula Lopes de Oliveira; LUQUINI, Isabela Mendonça; FERNANDES, Gersonni Mutti. Precarização e



flexibilização do trabalho no Brasil. **Brazilian Journal of Development**, [São José dos Pinhais], v. 5, n. 12, 2019.

ESFUMINHO. Entrevista remota. [jun. 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 18 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOLZHACKER, Denilde. Os riscos do populismo para as democracias na era Trump. **REVISTA DA ESPM**, São Paulo, v. 23, n. 3, jul./set. 2017.

MARQUES, Joana S. **Trabalhadores-artistas: cenas de trabalho, organização e ação coletiva no Brasil e Portugal**. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia)- Programa de pós-graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Bertrand, 1989. Livro 1.

MÉSZÁROS, István. **Para além do Capital: rumo a uma Teoria da Transição**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MOLDURA. Entrevista remota. [jul. 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 4 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

MONTELLI, Eduardo. **O enquadramento performativo como trabalho de arte**. 2021. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

PINCEL. Entrevista remota. [maio 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 16 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

TELA. Entrevista remota. [mar. 2024]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2024. 1 arquivo .mp3 (ca. 29 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do



Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

TESOURA. Entrevista remota. [nov. 2023]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2023. 1 arquivo .mp3 (ca. 23 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

TINTA. Entrevista remota. [dez. 2023]. Entrevistadores: Hiago Trindade, Eduardo Montelli e Elís Santana Ferreira. Sousa, PB: [s. n.], 2023. 1 arquivo .mp3 (ca. 47 min.). Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab) - grupo vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

TRINDADE, Hiago. A contrarreforma trabalhista no Brasil e o precariado: contribuição ao debate. **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, Campinas, v. 3, p. 1-21, 2020.

TRINDADE, Hiago. **O precariado no Brasil contemporâneo**. 2019. 249 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

### Hiago Trindade

Professor do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - Campus Sumé. Doutor em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenador do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab). **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/2771002230887296>. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-0462-4868>. E-mail: [hiagolira@hotmail.com](mailto:hiagolira@hotmail.com).

### Eduardo Montelli

Doutor em Linguagens Visuais pelo PPGAV da EBA/UFRJ. Mestre em Poéticas Visuais pelo PPGAV do Instituto de Artes/UFRGS. Bacharel em Artes Visuais pelo Instituto de Artes/UFRGS. Membro do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab). **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/3231629844108704>. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-8756-7875>. E-mail: [eduardo.montelli@professor.ufcg.edu](mailto:eduardo.montelli@professor.ufcg.edu).

### Elís Santana Ferreira

Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFCG - Campus Sumé. Membro do Laboratório de Estudos do Trabalho (LETrab). **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/6528460161519873>. **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0005-4198-3757>. E-mail: [elis.santana@estudante.ufcg.edu.br](mailto:elis.santana@estudante.ufcg.edu.br)

